

## PARCERIA

A pergunta

Por Evandro Santos Pinheiro e Fabio da Silva Barbosa

Mário era mais um novo detento no complexo carcerário de Juiz de Fora. Estava receoso, pois seria sua primeira noite na cadeia e já tinha ouvido várias histórias sobre a vida no cárcere. A cabeça estava perdida com ideias vagas sobre quando descobrissem o que o levou até ali. Mário tinha medo de virar bonequinha nas mãos dos predadores. Mas uma coisa era certa e fizera desde que entrou: Seguia as normas básicas (humildade, solidariedade e respeito aos mais antigos do pedaço). “Cagueta, Jack, nen talarico eu nun sou!”, pensava acuado em seu canto.

O calor infernal aumentava o desconforto causado pela superlotação. Não havia mais nada para passar o tempo. O último estuprador que fora lançado no pavilhão já tinha morrido. Assim não dava mais para aguentar. O frente do pedaço encostou-se às grades e chamou:

- Ô carcereiro.

- O que você quer, rapaz?

- Tá um calor do caralho aqui. Já tem preso passando mal.

- O ar condicionado chega semana que vem. - Disse o carcereiro em tom irônico. “Putz... O que fazer agora?”, pensava o frente.

- Alguém tem alguma coisa pra ler nessa porra? E você aí, rapaz? Desde que chegou enrolou, enrolou e não disse por que veio parar aqui.

Mário mudou de cor tentando balbuciar alguma coisa que não saiu. O frente chegou perto.

- Seguinte: Tô vendo que boa coisa não foi. Vou dar uma oportunidade de não precisar contar sua história. O carcereiro está muito folgado e a situação no pavilhão já está insuportável. Na hora do banho de sol, você vai esfaquear o filho da puta e a gente vai tomar conta do lugar.

“Vou ter que assinar o 121 pra colocar banca na cadeia. Num seria melhor eu contar logo essa porra? E se eles não entendessem? Acho que nesse ponto já não vai adiantar muito.” Uma voz o tirou de seus pensamentos. Eram dois presos conversando.

- Truta, tem alguma coisa pra fumar? Cabeça tá “milhão”. - Perguntou um magrinho do canto.

- Bola o baseado. - Resmungou o barrigudo encostado na parede.

Quando chegou a vez de Mário, o tal barrigudo passou o fino e perguntou:

- Que artigo é o seu, ô sacana?

Foi aí que ele sentiu algo tocando sua mão.

- Segura a faca aí, figura. Não olha não. Continua normal. Passa o baseado que tá rolando na de um. Pega e coloca malocada por aí. Disfarçado. Agora é com você. Não tem como correr.

- Ô rapá. Tá ouvindo a pergunta não? Qual seu artigo, porra?

- Não interessa. - Gritou o frente. - O figura aqui tá fechado comigo. Quem aporrinhar ele, tem de conversar comigo.

Mário aproveitou o momento em que todos olhavam para o frente e malocou a faca. O frente voltou a se aproximar dele.

- Mas agora, rapá... Só de curiosidade.... Que merda você fez? Fala só para mim. Chega no canto. Não precisa esquentar que não vai sair daqui. Nosso trato tá de pé.

Pior do que estava não podia ficar. Quando o dia amanhecesse, as portas se abririam para o banho de sol. Aí... Aí ninguém sabia o que iria acontecer quando esfaqueasse o carcereiro. Mário respirou fundo e começou sua história.

.....  
- Sai! Sai! - Gritava o carcereiro para que todos evacuassem as celas.

Mário foi o último a sair. O coração prestes a pular pela boca quando, no calor forte da emoção, desferiu o golpe na barriga do agente do Estado. A gritaria, o quebra-quebra geral, algazarra desenfreada... Os detentos atearam fogo nos colchões. Em tudo que se metia dava errado. "Até na cadeia". A rebelião tomou conta do presídio. Acertos de contas, tomada do poder... Tudo acontecendo ao mesmo tempo. A polícia cercou o local. Começaram as negociações. Ânimos cada vez mais exaltados. Mário tentou se esconder em um canto.

- Tá escondido aí, né? Agora o frente não tá aqui pra te ajudar. Vou te ensinar a responder com educação quando fazem uma pergunta.

Mário levantou os braços. Pediu calma. Disse que contaria o que ele quisesse saber. Mas agora ele não queria saber mais nada. Com uma barra de ferro nas mãos o preso avançou a toda velocidade. Mário só sentiu a primeira pancada. A sequência foi só para divertir o agressor.

Algumas horas depois, o choque já tinha invadido. Vários corpos se amontoavam por toda a parte. O frente estava de cara no chão, junto com outros sobreviventes. Pelo canto dos olhos tentava encontrar Mário. No dia seguinte soube do ocorrido. O cara que tinha roubado uma lata de ervilha no mercado havia sido morto a pancadas por não ter respondido a pergunta.

Na Escola

Por Evandro Santos Pinheiro e Fabio da Silva Barbosa

Carlinhos mal dormiu durante a noite. Sabia que o tormento iria recomeçar. Era a volta as aulas. Quando estava saindo de casa, a mãe chamou. Ajeitou a camisa para dentro da calça e passou a mão em seus cabelos.

- Vai bonitinho para aula.

Carlinhos não queria ir bonitinho, nem feio. Não queria voltar para aquele inferno. Olhou para a mãe como quem pedia ajuda. Ela não entendeu.

- Vamos, menino. Que foi? Tá virando pedra?

- Não. - Murmurou dando meia volta e caminhando para o portão.

A poucos passos do colégio encontrou os "colegas". Justamente Pedro, o filho da professora, e sua turma. Pedro se sentia a última bolachinha do pacote e zoava com todos da classe, principalmente com Carlinhos, por ser gordo e de família pobre. Ao se aproximar de Carlinhos, Pedro lhe deu um empurrão. Quando ia levantar, levou uma rasteira. A gargalhada foi geral.

- Que houve, moleque? Não consegue ficar em pé? - Falou um.

- O nojentinho não consegue andar. - Complementou uma das meninas que faziam parte da galera

- Para com isso. Não gosto desse tipo de brincadeira.

- Iiiiiiiiiiiiiiiii... O feioso tá querendo bancar de valente. - Pedro zombou. Quando avistaram a inspetora do colégio se aproximando, tentaram disfarçar.

- Todos pra dentro! - Gritou ela

Era visível o desconforto do garoto. Constantemente açoitado pelos colegas, tentava entender o que havia de errado com ele. As ditas brincadeiras iam deixando Carlinhos cada vez mais isolado e reprimido. Sentia-se o pior dos seres. Os insultos,

piadas ao seu respeito e as humilhações em público faziam com que ficasse mais agressivo em casa. Os pais não entendiam.

- Não sei o que está acontecendo com esse garoto. Cada dia piora. Ooooo Idade.

No começo da aula a algazarra era geral. O professor não conseguia controlar a turma. Mandar para diretoria se tornou rotina. A 6ª série era terrível de se lidar. Uma semana depois do retorno as aulas, Carlinhos havia tomado a decisão: Aquilo tinha de acabar. Pegou a arma que viu o pai esconder em cima do armário, colocou no fundo da mochila e foi andando rumo à escola. Lá estavam Pedro e a turminha de sempre. Viram-no chegando e já se entreolharam sorrindo.

- Olha quem vem lá.

Carlinhos parou próximo a Pedro, olhou bem no fundo dos olhos e disparou:

- Tomá no cu.

Pedro empurrou Carlinhos

- Tá maluco, moleque?

Carlinhos deu uns passos para trás e voltou bem pertinho do agressor.

-Tomá no cu.

Pedro não entendeu a atitude de Carlinhos, que sempre ficava quieto e ressentido pelos cantos quando era esculachado. Não poderia deixar ninguém mandar tomar no cu assim, ainda mais na frente da turma. As coisas não podiam se inverter.

- Seu filho da puta, tá pensando que é o que??? - Pedro encarou, dando um murro na boca

O sinal tocou e Pedro informou a Carlinhos que as coisas se resolveriam na hora da saída. Carlinhos deu de ombros, pegou sua mochila e entrou na sala de aula. Somente ele sabia dos seus planos. Quando a aula começou, os alunos trocaram olhares. Todos sabiam que ao bater o sinal iria ter pancada.

Chegada a hora da saída, Pedro foi à frente para não deixar Carlinhos escapar. A turma de Pedro ia cercando Carlinhos. Chegaram ao terreno baldio onde sempre ocorriam esses acertos de contas. Pedro jogou a mochila no chão e desafiou:

- Como é, moleque? Tá preparado para a surra?

Carlinhos abaixou a mochila de vagar e com um gesto repentino meteu a mão dentro. Pedro correu em sua direção, mas Carlinhos puxou logo o 38.

- Fica longe de mim.

Pedro parou com as mãos levantadas.

- Que isso, moleque? Tá maluco? Guarda isso.

- Não. Isso acaba hoje. E ninguém chega perto.

Todos recuaram. Pedro não sabia o que fazer com a arma apontada para seu peito. Carlinhos estava com a mão o mais firme que conseguia, mas um leve tremor que insistia em percorrer seu corpo denunciava o estado emocional dilacerado. Os olhos cheios d'água dividiam o foco entre Pedro e as outras pessoas em volta. Passado alguns segundos, que pareciam uma eternidade, Carlinhos balbuciou:

- Isso acaba agora.

Pedro entrou em pânico, os outros recuaram mais um pouco, alguns correram para longe, as meninas viraram o rosto, Carlinhos enfiou, rapidamente, o cano da arma em sua própria boca, puxando o gatilho. O corpo desmoronou sem vida. Pedro tentava fazer muitas coisas, mas não conseguia se mover. Nesse momento, a mãe de Carlinhos entra correndo pelo terreno com um bilhete em suas mãos: "Tudo acaba hoje. Não consigo mais. Adeus."

## A política divina

Por Evandro Santos Pinheiro e Fabio da Silva Barbosa

- E que Deus acompanhe vocês.

Pastor João termina o culto com sua frase habitual. Tinha de se apressar para a reunião do partido. Pastor, político e dono de uma clínica de reabilitação. O tempo estava curto. Entrou no carro e partiu rumo ao futuro político.

Em outro canto da cidade, Areovaldo catava comida azeda do lixo de um restaurante. Papelão, latinhas e outros recicláveis também eram recolhidos para o sustento da família. Analfabeto, pai de seis filhos, seu endereço era embaixo de um viaduto. Prédios, edifícios, condomínios de luxo, áreas cercadas por seguranças em meio ao tumulto normal da metrópole. Sua companheira ajudava vendendo balas e doces no sinal.

Ao atravessar a rua, avistando uma promissora pilha de lixo, Areovaldo se descuidou e foi atingido em cheio por um carro 0 km que vinha em alta velocidade. O corpo subiu, caindo no para-brisa que se espatifou. Pastor João socou o volante, soltando um sonoro "Putá que o pariu". Abriu a porta e se pôs de frente para o corpo que jazia em sua última aquisição material. Olhou para os lados, percebendo a rua deserta. Pensou alguns segundos e atirou a vítima no asfalto. Entrou no carro, partindo em retirada. Foi blasfemando até a casa de um irmão de fé e companheiro de partido que morava pelas redondezas.

Após algumas horas de conversa séria, articulações e conchavos, os acordos políticos estavam firmados. Os recursos financeiros viriam de várias fontes, mas uma em especial era o dinheiro sagrado, depositado pelos fieis para a obra de Cristo. Dinheiro conquistado pelo pastor, após horas de milagres, orações e profecias. Nada mais justo. Aliás, a justiça divina nunca falha. A questão de levantar mais grana era simples: Realizar campanhas de cura e libertação. Como sabemos, Pastor João tinha contato forte com o criador. Nada mais que um diálogo seria necessário para que as coisas se resolvessem. Todos se dariam bem. É claro que a questão do atropelamento também foi conversada.

- Obrigado por mais essa, irmão.

- E a reunião que você teria agora? Já obteve resposta do suplente?

- Quando liguei pedindo que me substituísse, pedi que ligasse apenas se tivesse algum problema. Com certeza deu tudo certo. Amanhã meu mecânico vai vir consertar o carro em sua garagem. Pode deixar que vou cuidar bem do seu carro.

- Não tem problema. Tenho mais três na garagem da frente. Vá em paz, Pastor.

- Que Deus o acompanhe, irmão.

Amém.

## Vida?

Por Evandro Santos Pinheiro e Fabio da Silva Barbosa

Abriu o saquinho e pegou a pequena pedra. Olhou bem para ela, mas sem muita demora. A latinha já estava pronta. Ajeitou tudo, colocou a boca e riscou o isqueiro. A fumaça o fazia ofegante, ao mesmo tempo que ligeiro. Nela iam todos os seus problemas, suas angustias, seus medos... Tudo que acontecia a sua volta se fora em poucos minutos. Aproveitou a alteração do estado mental até o último instante. Mas a realidade logo vinha bater a porta. O mundo se reintegrando a sua volta. Precisava arranjar outro daquele belo anestésico.

Revirou os bolsos. Acabaram as últimas moedas. Tinha de dar um jeito. Levantou cambaleante, segurando nas paredes. Olhou fixamente para a porta daquele quarto fedorento em que vivia e tentou uma linha reta. A compulsão o instigava ir em busca de mais. Desceu as escadas às carreiras. Lembrou que o pai já não aparecia há mais de uma semana e pensou na última vez em que viu a mãe. Danilo tinha apenas 13 anos, mas já viveu situações de difícil compreensão.

Ao chegar à rua, olhou em volta. Havia um banco perto dali. Era época de pagamento. Virada do mês. A operação seria fácil. Era só esperar algum senhorzinho sair do banco com seus bolsos recheados de dinheiro e colocar suas mãozinhas de tesoura para funcionar.

O movimento era grande. Filas enormes nos caixas eletrônicos. A grana deveria vir sem muitas dificuldades. Pensamentos confusos bombardeavam sua mente. Já fora a época de cuidar de carros. O negócio era meter o 157. De repente viu um coroa saindo com passos apressados. Sentiu o cheiro da adrenalina no ar. Era por ele que esperava. Não podia estar enganado.

Os pensamentos começaram a clarear. Perseguiu sua vítima a distância por alguns quarteirões. A hora era aquela. Não podia vacilar. Aproximou-se rapidamente, mas sem dar na pinta. Passou pelo coroa e pá. Um esbarrão e as mãozinhas escorregaram para dentro do bolso. Não podia ser. Bolso errado. O coroa segurou a mão que já partia em retirada.

-Ladrão! É ladrão!

Danilo jogou a vítima no chão e saiu em disparada. As vozes se multiplicaram.

- Pega ladrão! Pega ladrão!

Com uma rápida olhada para trás, viu algumas pessoas levantando o senhorzinho, que sumiu logo do seu campo de visão por causa da rapaziada que estava correndo atrás dele. Olhou para frente e continuou correndo. Tirou o boné e escondeu dentro da bermuda. Deu mais uma olhada para trás. A multidão continuava na perseguição. Parecia ter mais gente.

- Pega ladrão! Pega ladrão!

Mais a frente havia um cruzamento. Avistou o sinal aberto. Era tudo ou nada. Passaria ou seria pego. Teria que ser rápido. Em segundos sentiu o vento do ônibus como um tornado ao seu lado e, sem parar de correr, pensou na igreja, na escola, na família... Sabia que tudo era muito distante. Conheceu a fome, as drogas e a prostituição muito cedo. Lembrou das vezes em que era espancado pelo padrasto, das humilhações que sofria, da indiferença da mãe... A vida passara como um filme sobre sua cabeça. Algo, ou alguém, o segurou pelo braço. Sentiu o corpo subindo no ar e se chocando contra a calçada. Foi logo rodeado. Gritos indecifráveis eram ouvidos enquanto estava sendo golpeado por todos os lados. O Sol foi sumindo aos poucos... A boca ficando seca...

Algumas horas depois, nas rádios da cidade, o assunto fora divulgado com teor sensacionalista. Repórteres policiais, jornalistas e políticos se posicionaram a favor da redução da maior idade penal. No hospital, o médico olhava para o garoto em coma. A prancheta fixava um papel que dizia : Traumatismo Craniano.

- Foi pego roubando. – comentou a chefe da enfermaria com o médico de plantão.

Ao final da noite o médico atestou morte cerebral. Um enterro com poucos parentes e nenhum amigo se seguiu. Danilo tinha o sonho de ser jogador de futebol, mas a vida reservou caminhos diferentes. Quem sabe se tivesse tido oportunidade?

Os dias passaram e com eles estão indo nossas esperanças. A falta de amor, de carinho e de solidariedade arraigam em nossa sociedade a indiferença que nos faz

pensar: “Não temos nada com isso e a culpa é do outro”. Fazem-nos acreditar que temos o direito de julgar e condenar de forma arbitrária e cruel, que somos os certos. Os mesmos que julgaram e puniram esse garoto, se anulam ao verem políticos roubando dinheiro público da educação, saúde, assistência social, segurança... São milhões desviados e a cada eleição estão eles aí de novo. Ao invés de nos indignarmos, aplaudimos e depositamos neles nosso voto para que continuem roubando. Temos de dar um basta. Isso sim é revoltante. Temos de canalizar nossa ira para os grandes responsáveis por essa situação, onde pobres se matam enquanto uma classe média apática e alienada assiste a todo esse espetáculo sórdido na grande mídia, sem expressar mais que algumas queixas sem efeito.

## Máscaras

Por Evandro dos Santos Pinheiro e Fabio da Silva Barbosa

Estava voando em seu carro a mil por hora. O expediente havia terminado e a orla de Copacabana o chamava. Iria começar sua parte predileta do dia: A escolha da parceira ideal para a noitada. Suas incríveis noitadas entre quatro paredes. O momento era único, como todo momento. Mas, naquele dia, já despojado do casaco da moralidade, sua mente fabricava constantes fantasias. Luzes, espetáculos, futebol... Nada mais o interessava. Estava vidrado naquilo.

As garotas começaram a aparecer reluzentes pelos calçadões, mas não era isso que ele queria. Era outro tipo de garota. Um tipo especial. “Pronto!” Elas ficavam por essa parte. Travestis e transexuais se exibiam, mostrando todo o prazer que ele poderia ter se fizesse a escolha certa. “Pronto!” Ali estava. Luci Estrela, sua grande paixão. Ninguém o excitava tanto. “Merda!” Um carro o havia cortado. “Essa não! Só faltava...” O canalha passou a frente e parou bem no ponto para falar com sua Estrela. Passou pelo adversário e olhou pelo retrovisor. Diminuindo a velocidade, fizera o retorno.

- Ahhh!!!- Respirava aliviado. O canalha que havia passado a frente, tinha só passado.

A feição mudou com um sorriso. Seta para direita. Acenou. Ao se aproximar, como costumava fazer, combinou o preço de sempre e pediu que entrasse. Ela entrou. Pegou a direção do Motel. Quando viu, já estavam no quarto. Tirou a roupa e mostrou a cueca com a bandeira do Brasil.

Da alta sociedade, Dimitri se comportava sem expressão, fechado, controlando seus movimentos, sua voz e suas vontades. O sexo pago era a forma de se satisfazer sem ter compromisso. Achava menos arriscado. Preso no armário da moral, dos bons costumes,... da vida que não queria pra si, mas que impuseram e acabou por aceitar.

Após trocas de carícias, com o pênis já lubrificado, o travesti pediu que ele ficasse de quatro, como já estava acostumado ser a posição predileta de seu cliente. Horas de coitos e sexo selvagem passaram em minutos.

Dimitri volta para casa, onde chegaria reclamando da reunião entediante que tivera depois do expediente. Amanhã estaria cedo no escritório, pronto para conversar com senhores tão moralistas quanto ele. Afinal, a tradição era muito apreciada em seu círculo de amizades.

A lenda da raposa que vigiava o galinheiro  
Por Evandro dos Santos Pinheiro e Fabio da Silva Barbosa

O carcereiro Montanha era o cara mais perverso que existia na penitenciária. Nenhum bandido, por pior que fosse, era comparado a sua crueldade. Não se sabe como, ou porque, ele havia conseguido o que sempre quis. Fora transferido para a instituição responsável por menores infratores. Um prédio velho e decrepito, onde os menores eram amontoados. Ficavam a maior parte do dia pelo pátio. Montanha parecia estar no parque de diversões. Deu uma boa olhada em volta. Lambeu os lábios. Os olhos brilharam quando avistou o recém chegado. Era pequenino. Não devia ter mais de 14.

- Que confusão é essa aí? Que merda essa? – Gritava enquanto caminhava a passos largos rumo aos garotos que estavam implicando com o novato. Os garotos abaixaram a cabeça e saíram de perto. Montanha se dirigiu ao pequeno alvo de seus desejos. A boca salivava. - Como é garoto? É novo aqui?

O menino, com um pequeno gesto de cabeça, disse que sim.

- Eu também. - Sorriu o gigante dando uma discreta olhada em volta para ver se era observado.

Aquele frio na barriga, o coração que disparava, a sensação de euforia, o órgão que já saltava dando sinais de vida.

- Daqui pra frente vou cuidar de você. - Disse Montanha com ar paternal.

O pequeno olhou desconfiado.

- Em meia hora te encontro no pátio de trás. - O gigante foi andando a esmo, sem esperar resposta da vítima.

Quarenta minutos depois, o menino apareceu no local combinado. Quando começou a procurar, foi atingido por um forte soco no rosto. Caiu de imediato. Piscou os olhos e virou para cima. Era Montanha.

- Filha da puta. Eu disse meia hora. Não tem relógio?

- Não

- Cala a boca, viadinho. Tá pensando o que? Que tenho o dia todo? Vem cá. Dá uma mamada aqui.

Montanha sempre foi um cara estranho. As fantasias o controlavam ao extremo. Terminado o "serviço", o garoto lembrou da rua, onde já havia sido submetido a estes tipos de abusos. A cabeça começou a girar à medida que via seu "protetor" se afastar. Caiu e tudo apagou. Acordou na Enfermaria. Olhou em volta e viu uns poucos leitos vazios a sua volta. A memória estava confusa. A porta se abriu. Dela surgiu o agressor. Virou o rosto para a parede. No canto um cartaz dizia: "Aqui o governo cultivava um futuro melhor para nossas crianças."

## Vidas mortas

Por Evandro Santos Pinheiro e Fabio da Silva Barbosa

Ao amanhecer, Everton já sabia quais eram as suas obrigações: Arrumar a cama, varrer a casa, cuidar dos irmãos, fazer comida, tomar banho e ir pra escola. O pai foi assassinado em uma emboscada, armada por policiais para prender traficantes. O infeliz, ferido por engano, se tornou traficante depois de morto.

Quando estava quase acabando os afazeres, Everton ouviu um barulho no telhado. Colocou a cabeça do lado de fora. Apressado, fechou tudo. Estavam invadindo o morro. Já era a segunda vez, só essa semana. Mandou os irmãos ficarem quietos no quarto. "Merda!", Zequinha estava na rua.

O barulho de fogos, misturado ao de tiros... O caveirão já vinha subindo. Deveria ser

rápido em encontrar o irmão caçula. Ao descer as escadas do barraco, pode avistar de longe a figura franzina de Zequinha, segurando uma pipa e correndo em direção a sua casa pelo beco.

Zequinha desceu ao chão... A pipa subiu aos céus... Everton viu sua vida mudar... Nunca mais iria sonhar...

FIM

“Todo mundo sabe, mas ninguém quer comentar” ou “Dois assuntos que resultam em um”.

Por Evandro das Santos Pinheiro e Fabio da Silva Barbosa

(Dados correspondentes a época em que o texto foi feito – 2010)

Desde a chegada dos europeus ao Brasil, os povos originários vêm sendo massacrados e saqueados pelos invasores. Mesmo depois de tanto tempo, o capitalismo ainda insiste em destruir o pouco que esse povo conseguiu conservar. Constantemente ameaçados de perder suas terras, sofrendo inclusive ameaças de morte (isso quando a morte não ocorre de fato), as comunidades indígenas vivem entre a insegurança e a opressão. A invasão de ontem e de hoje insiste em ir mais longe. A cultura destes povos é completamente destruída pela cultura dominante (o culto ao lixo modista e a mentalidade individualista). Quando os portugueses se apossaram dessas terras, trouxeram elementos devastadores para as crenças e costumes locais. Os jesuítas fizeram parte das engrenagens dessa máquina mortífera, impondo sua verdade aos nativos. Verdade colocada como a única possível.

E os negros sequestrados na África, trazidos como escravos até aqui? Foram obrigados a adorar deuses brancos e tiveram seus direitos totalmente usurpados. Reis viraram escravos do dia para a noite e crianças ficaram órfãs de pai e mãe. O Brasil recebia 37% de escravos de todo continente e em três séculos e meio de escravatura, nosso país recebeu aproximadamente cinco milhões de negros, sem contar que 55% morriam nos porões dos navios durante o trajeto. Após a bravura de grandes guerreiros e a pressão de outros países, o Brasil foi o último a abolir a escravidão. Os negros estavam libertos, mas e daí? Sem assistência do Estado, emprego, acesso a educação... foram jogados a própria sorte (que não era nada boa em uma sociedade extremamente racista). Sua cultura foi negada, sendo impedidos os cultos de religiões de matrizes africanas como o candomblé. A capoeira foi proibida e a lei da vadiagem entrou em vigor. Hoje a capoeira corre livre e aparentemente a opressão acabou.

*Aparentemente!*

O racismo dissimulado no Brasil mostra constantemente suas garras. Isso é de tal forma imposto que negros acham que são brancos, sendo 50% da população negra e apenas 6% se assumindo como tal. Isso se deve ao nosso ensino eurocêntrico e por pouco ser falado sobre o continente africano. Quando se fala deste continente é de forma preconceituosa, como se o continente fosse um único país e só é retratado de forma estereotipada como o continente da fome, das guerras e da AIDS.

*Voltando aos índios,*

que eram donos originais do país, como apresentado no início do artigo, estes foram ficando cada vez mais encurralados em pequenas áreas insuficientes para a sobrevivência das aldeias, sendo chacinados e oprimidos pelos grandes proprietários de terra. Atualmente, na Bahia, temos um grande exemplo desse desrespeito com a prisão do Cacique Babau e com a população indígena sendo perseguida como bandidos, quando, na verdade, estão lutando por seus direitos. Como condenar os métodos dessa luta se não existe a possibilidade de um diálogo honesto? Não deveríamos propor



formas realmente eficazes para conquistarem seus direitos, ao invés de engordarmos os números carcerários?

Na época da chegada dos europeus, nossa população indígena passava de 10 milhões e hoje está em torno de 400 mil índios. O relatório do CIMI (Conselho Indigenista Missionário) mostra que a situação está insustentável, principalmente no Mato Grosso do Sul. Dos 60 assassinatos de indígenas no país, 42 ocorreram neste estado, cujas vítimas pertencem ao povo Guarani Kaiowá. O que nos chama também a atenção é que dos 34 suicídios registrados, todos ocorreram nessa população, sendo que 25 vítimas possuíam idade entre 13 e 25 anos. Ainda segundo o relatório do CIMI, no estado do Mato Grosso do Sul, foram localizados 409 trabalhadores nas usinas de cana de açúcar em condições degradantes ou análogas ao trabalho escravo. Desses 409, 150 eram indígenas dos povos Terenas, Kaiowá e Guarani.

*Então é isso!*

Negros e índios continuam sofrendo as mazelas de um povo que vem sendo oprimido há muito tempo. Isso está certo? Isso é justo? Vamos por a mão na consciência. A grande maioria não pode continuar apoiando os privilégios de uma minoria conservadora que não quer perder a mamata. Temos de gritar por mudanças enquanto é tempo. Descruze os braços. A hora é agora. Não adianta tapar o Sol com a peneira. Não há mais porque esperar. Talvez "daqui a pouco" seja tarde de mais.

A dança

Por: Alexandre Mendes e Fabio da Silva Barbosa

Ele estava com as costas na parede. A calça pesava e a merda já escorria pela perna abaixo. A faca pressionava contra seu abdome e seu algoz sorria alucinado. Assim estava ele, já há três dias. Amarrado por cordas em nós de marinheiro, implorava por sua vida. O primeiro dia foi difícil acostumar com aquele hálito: Odor de almíscar com enxofre. Agora, o que o incomodava era o cheiro nauseabundo de sangue. O chão rubro refletia sua dor. Achava que ainda resistiria a duas ou três estocadas. Primeiro o pênis e depois a faca. Não aguentava mais tamanha tortura.

- Eu tenho dinheiro! Pelo amor de deus... Me solta!

- AAAAAAAAAAAHHHHH... – Respondia o algoz.

Antes de receber os últimos golpes, lembrou de sua mãe e dos tempos de criança. Lembrou-se do pai. Vomitou. Sua vista ficou turva. Seus pensamentos e preocupações foram ficando esquecidos. Tudo indo para o fundo de sua mente.

- O que achou do roteiro? – Perguntou o diretor.

- Não posso fazer esta merda. – Respondeu o ator.

- Não vai fazer? Tem certeza? – Retrucou o diretor puxando a peixeira que estava em baixo da escrivaninha.

- Mas... você não pode agir assim... O que é isso? Tá maluco?

Nesse momento, o diretor olha para cima e grita:

- Que liguem as câmeras. O filme vai começar!

Sete anões vestindo biquíni fio dental saem dos cantos da sala. Cada um portava um canivete nas mãos e deram várias estocadas nas pernas do ator, que caiu atordoadado.

- Luzes! câmeras! Não percam um detalhe da cena. – Ralhava o diretor enquanto riscava a peixeira no ar.

O cu... O brioco... Esse já estava da largura de um mergulhão. A cena foi interrompida e passaram para outro set. Lá, um gigante negro o esperava com o cassete em chamas. Mas o gigante teve vontade de mijar.

- Não posso dirigir esta merda. – Disse o diretor jogando o roteiro sobre a mesa.

- Tenho uma ideia melhor. Façamos um filme sobre um alienígena que chega a Terra e fica amigo das crianças.

O diretor tira a máscara e se revela: Era o Sidney Magal.

E todos foram dançar lambada felizes para sempre.

Saudação

Por Alexandre Mendes e Fabio da Silva Barbosa

nem tudo no mundo são flores  
que pereçam todas as dores  
emocional totalmente inexplicável  
rimar toda hora é chato  
mas essa saiu assim  
viva o verde / viva a vida  
lamúrias e sussurros

vamos subverter mesmo  
nadar contra a maré  
bicicleta  
murro em ponta de faca  
sorvete de limão  
cuspir contra o vento  
não se usa mais fralda

isso é beber leite coalhado  
quebra tudo  
ratatatatibum  
mares de cerveja  
ninguém nunca me verá?  
tudo ainda é nada  
de limão e de maracujá

Visões/Tormentas

Por Alexandre Mendes, Fabio da Silva Barbosa e Murilo Pereira Dias (Murilouco)

- Samangoia!!! Pula para lá.

Gritava a entidade pulando de um pé só.

A vida na selva, era tudo que lhe restava. Sua subsistência dependia dos arbustos, compostos por cereais, plantados pelas doninhas do Leste. A vida não era mais a mesma.

Grande amigo Jorge mauro que na angustia dos conflitos sub racionais das contra razões...estava lá no momento em que trovão não parecia mais aguentar... enquanto na cidade outros conformes traduziam questões não expressivas...a pressão dentre tantas outras quest~es...uma hora dessas ....a onda ...passando e as entidades querendo sempre mais.....sente-se na pele a angustia...nas palavras descoexas sente-se que as palavras não querem sair se não se sob um efeito demomstrativo de enenfermidades espirituais...se essas provem da floresta ...nnrealmente não sbasabemos...e oo s erros realmentes...ficxam cada vez mais visíveis....

Nem dor

Nem cor

Nem por  
"Não crer  
Não ter  
Não ser"

Cooncreto puro e gasolina

Gritos na madrugada. Todos ficaram alertas na cidade. Oswaldo trabalhava dia e noite, mas não adiantava. Sua casa seria leiloada pelo governo. Suas vestes estavam rotas. Seu carro tinha o motor de Kombi trepado. O sapato de bebê enfeitava o retrovisor, pendurado por um fio de nylon.. Se perdeu...enfim, como sem recordação de um tempo inde as pessoas que precisam de concentração e estamos prestes a acreditar que as coisas poderão estar para nosso favor...e certamente com o tempo as coisa vão ao nosso favor...pórem se em conquenta anos vc não ainda tiver conseguido atingir o que vc precisa ...isso não significa que está sucumbida a missão de nada estar rprestando.....na grande verdade...se toda essa banalidade é uma ciência...quem escreveu isso???a ciência assim com os seres querem ser deus e quyerem que esse deus seja sua própria semelhança...uma simples fuga sem razão de suas angustias mais uma vez aqui materializada em linhas sem sentido.....mas porra o que queremos chegar numa montagem onde numa sexta feira....uns camaradas das antigas resovem beber algumas cervejas fumando alguns cigarros e refletindo sobre a merda da vida que que existe um sieema de merda que não ajuda nem mesmos os que querem ajudar.....foda-se esta se esgotando o tempo.....e todos devem partir.....acabou a onda,...acabou a inspiração.....,.....e se esse texte render alguma coisa ....que a s pessoas que poosam ler...sqaibam que isso foi um fruto de uma onda...e serve de exemplo para futuros viciados....escritos malditos das madrugada de sexta feira.....

Eu quero é que se foda

Vou gozar na cara

Comer a bunda

E quem não gostou que chame o Papa.

Um dia perceberão que a expressão que iniciou e onde tudo voltará é o nada. A existência pede uma explicação para isso e sempre pediu. A vergonha é a insistência em cultuar tradições maléficas para o comportamento social. Crenças em Deuses e diabos. O certo e o errado, o bem e o mal são postos em cheque. O homem perdendo o sentido da vida. O nada fará com que ele reproduza uma cultura adversa. O sentido de evolução tradicional já está jogado por terra. Viva para porra nenhuma. Se drogue, beba álcool em todos os teores . Viva a vida em diversas cores e seja feliz . A vida pode durar apenas mais uma hora.....então para acabara essa historinha... tabm não temos mais cigarros...nem queremos mais beber cachaça...apesar da porra da entidade estar pedindo muita cana,,,,,mas uma vez mais....como acimaescrito....eu quero é que se foda....mas....não,,,,,me desculpe....isso não foi com vcs....espíritos.....me desculpem.....vcs estão enendendo.....então eu vou parar vou parar por aqui.....

Façam sexo.

Pêssego em caldas.

Amém!!!!!!!!!!!!

Acaso

Por Alexandre Mendes

Não estava mais sentindo o chicote estalando em suas costas. Já faziam dois dias que estava amarrado naquela posição.

A dormência, provocada pelo cansaço, substituiu a sua dor.

- Cinquenta e quatro, cinquenta e cinco, cinq... - Contava em voz alta, o seu senhor.

- Chiuaf! Chiuaf! - Silvava a vara nas costas do cativo.

- Ocê num se meti a besta nunca mais! - Dizia o carrasco enquanto transpirava de cansaço.

- Setenta e um, setenta e dois, set... - Lembrou-se da Gâmbia, sua terra natal. Como deveriam estar seus pais? Como deveriam estar todos em sua tribo?

- Oitenta e três, oitenta e quatro, oit... - Seu senhor contava, enquanto montava no cavalo.

- Mama, mimi...nina... nyuma! Mama,...mimi...nina...nyuma! - Arquejou o jovem escravo.

Abriu os olhos e viu novamente sua tribo, formada por todos aqueles que se foram devido a ganância e a ignorância do homem branco.

Foi então que seu senhor bateu as esporas no cavalo e sumiu no horizonte, vivendo o resto de sua vida feliz para sempre.

Acaso (Versão Paralela)

Por Fabio da Silva Barbosa

Não estava mais sentindo o cassetete quebrando suas costelas. O spray de pimenta o cegou e estava cada vez mais difícil respirar. A dormência, provocada pelo cansaço, substituiu a sua dor.

- Esses baderneiros... Filhos da puta... - Comentava o capital

Os instrumentos eram utilizados sem o menor pudor. O som seco e surdo produzido era indescritível.

- BADERNEIRO... FILHO DA PUTA... - Berrava o agressor enquanto descia o braço.

Lembrou-se de sua família, do porque resolveu se envolver naquela manifestação. Será que conseguiriam impedir a desocupação? Para onde iriam todos de sua comunidade?

- Esses baderneiros... Filhos da puta... - O capital cantarolava enquanto olhava o noticiário da tv.

- Por favor... Não... Por favor... Eu sou trabalhador... - Arquejou o jovem espancado.

Abriu os olhos e viu novamente sua comunidade, formada por todos aqueles que se foram devido a ganância e a ignorância do capital.

Foi, então, que o senhor capital desligou a tv e encheu um copo de whisky, vivendo feliz para sempre.